

## **Programa Sócio Educativo: Oficina de Contação de História e Construção de Brinquedos Usando Sucata**

Área Temática de Educação

### Resumo

A UDESC e a Fundação Fé e Alegria, durante 2002/II, desenvolveu o Programa Sócio-educativo “Oficina de Contação de História e Construção de Brinquedos Usando Sucata” nas comunidades do Morro do Pedregal e Chico Mendes – Florianópolis/SC. A partir de uma investigação qualitativa na comunidade alvo, a oficina, contextualizada à realidade social, respeitou o Estatuto da Criança e do Adolescente procurando garantir o desenvolvimento multidimensional (econômico, político, social, psicológico, afetivo e cognitivo) das 80 crianças e adolescentes atendidas. Essa ação de investigação, diagnóstico e ensino-aprendizagem foi possibilitada pelo movimento dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer, e utilizou uma metodologia de dinâmica de grupo, trabalho em equipe e pesquisa-ação pautados pelos novos paradigmas de educação (complexidade e abordagens críticas). Esta prática extensionista, para além de oferecer a possibilidade de reflexão sobre o objetivo da formação acadêmica e conduzir ao diálogo criativo entre desafios, urgências e incertezas da educação contemporânea, revela, na práxis, a necessidade de reconhecer e expor à sociedade o papel da responsabilidade social inerente à educação. Palavras-chave: criança, educação popular, responsabilidade social.

### Autor

Ingobert Vargas de Souza

### Instituição

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Palavras-chave: criança; educação popular; responsabilidade social

### Introdução e objetivo

A Universidade do Estado de Santa Catarina em parceria com a Fundação Fé e Alegria do Brasil/FyA desenvolveu, durante o segundo semestre de 2002, o Programa Sócio-educativo: “Oficina de Contação de História e Construção de Brinquedos Usando Sucata”, com a população de duas comunidades carentes na Grande Florianópolis - comunidade Chico Mendes em Florianópolis/SC e comunidade do Morro do Pedregal em São José/SC. Este projeto de extensão esteve vinculado ao Núcleo de Estudos sobre Criança e Adolescente-NUCA/UDESC e foi coordenado pela Professora Rosemir Terezinha Silva, do Departamento de Estudos Especializados em Educação.

A comunidade Chico Mendes, mais conhecida como “favela Chico Mendes”, localiza-se no bairro Monte Cristo em Florianópolis e agrega cerca de duas mil e cem famílias; a comunidade do Morro do Pedregal, localizada no bairro Ipiranga em São José, é formada por aproximadamente 500 famílias. Essas concentrações de moradias constituídas de barracos, casebres de madeira e também algumas casas e prédios de alvenarias foram erguidas por agricultores que se evadiram do campo para a cidade numa migração desenfreada ocorrida, principalmente, no final das décadas de 80 e 90, respectivamente. Fugiram do desemprego resultante da mecanização e modernização dos métodos de plantios que

expulsaram, de forma mais intensa, os pequenos agricultores os quais, sem ter como sustentar a família resolveram “tentar a sorte na cidade grande”.

A FyA é uma organização não governamental que há cinco anos desenvolve ações sociais dentro da comunidade Chico Mendes e em 2002 assumiu trabalhos na comunidade do Morro do Pedregal.

Atingindo diretamente cerca de 80 crianças e adolescentes, os trabalhos desenvolvidos nessa atividade de extensão tiveram como objetivo geral, de acordo com as metas da Fundação Fé e Alegria, “proporcionar a melhor educação para os mais pobres” e, seguindo ainda sua linha de ação, “promover uma educação integral, de qualidade, comprometida com os princípios cristãos de igualdade, justiça e solidariedade, capaz de tornar crianças e adolescentes em sujeitos autônomos, visando a transformação social, em parceria com as camadas populares”, respeitando sempre o Estatuto da Criança e do Adolescente.

#### A oficina

Um diagnóstico participativo da comunidade Chico Mendes, desenvolvido por sócio-educadores já atuantes na Fundação Fé e Alegria juntamente com membros representantes dos três programas de atendimento comunitário (Programa Sócio-educativo, Programa Sócio-familiar e Projeto Meninos de Rua), revelou a grande problemática da violência social, as relações conflituosas entre as crianças, o problema da repetência escolar, a deficiência na alfabetização e a necessidade da criação de espaços lúdicos. Somado ao diagnóstico participativo inicial, foi usada a investigação qualitativa da comunidade Chico Mendes para, a partir da análise dos dados coletados, identificar um perfil da comunidade e traçar as metas desta atividade de extensão.

Vislumbrando a complexidade de elementos diferentes como inseparáveis constitutivos do todo econômico, político, sociológico, psicológico, afetivo e também mitológico, o movimento dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer desencadeou a “Oficina de Contação de História e Construção de Brinquedos com Sucata”. A partir da análise dos dados da Investigação Qualitativa de Diagnóstico e do estabelecimento do perfil da comunidade Chico Mendes promoveu-se ações que discutissem e refletissem uma educação ocupada com a formação de cidadãos conscientes de seus deveres e direitos e engajados na melhoria da qualidade de suas vidas e a de seus familiares.

#### O contar histórias e a construção dos brinquedos

“Coisa gostosa é brincar! Brinquedos dão alegria: bonecas, pipas, piões, bolas, petecas, balanços, escorregadores... Os brinquedos podem ser feitos com os mais diferentes materiais: madeira, plástico, metal, pano, papel. Mas há brinquedos que são feitos com algo que a gente não pode nem tocar e nem pegar: brinquedos que são feitos com palavras.” (Rubem Alves, 1993)

Em meio à sofisticada tecnologia atual, nossos anseios procuram uma outra linguagem que não seja puramente eletrônica. Busca-se uma linguagem que nos alimente, que fortaleça nossas próprias imagens e que nos leve aonde queremos chegar. Contar histórias é a mais antiga e, paradoxalmente, a mais moderna forma de comunicação. Contar histórias é uma arte milenar, uma das mais antigas manifestações do ser humano; é uma arte que resiste às profundas transformações da evolução humana e resistirá por muito tempo. O conto, por si só, compreende uma possibilidade de contarmos o maravilhoso, o imaginário, um mundo sem limites e sem regras. Mas, além de seu valor inerente, de funcionar como um portal de passagem simbólico, aliado à Pedagogia da Narrativa, o conto é fundamental no processo de aprendizagem, estabelecendo um elo importantíssimo para a compreensão das realidades a qualquer tempo.

Uma história pode se tornar o foco de uma conversa e, suas imagens, uma maneira segura de tratar assuntos desconfortáveis. A história re-introduz o que é humano no ambiente dominado pelo impessoal e pautado pelo julgamento e pela competição. Uma história capta a

essência das coisas que acontecem por diferentes maneiras. As histórias carregam um conhecimento sedimentado e acumulado por toda a humanidade. Ouvir uma história contá-la e recontá-la, durante muitos anos foi a maneira de preservar os valores e a coesão da sociedade. É o maravilhoso que consola a aridez dos caminhos que temos à frente, que alimenta a inspiração e abre o portal da intuição para outras soluções, àquelas velhas questões enferrujadas. Os contos nos remetem a uma história de transformações quando são acolhidos pela compreensão do ser humano integral.

“Há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimento, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem -"Se ficarem quietos, conto uma história, se isso, se aquilo...". Quando o inverso é que funciona. A história quieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa. Quanto menor a preocupação em alcançar tais objetivos explicitamente, maior será a influência da história enquanto fonte de satisfação de necessidades básicas das crianças. Se elas as escutam desde pequeninas, provavelmente gostam de livros, vindo a descobrir neles histórias como aquelas que lhe eram contadas. (Rubem Alves, 1999)

Ao ouvirmos um conto fazemos nosso próprio filme, criamos nossas próprias imagens, construímos, alicerçados em nossa experiência de vida, os cenários, as personagens e o ritmo dos acontecimentos. A Pedagogia da Narrativa ensina-nos que podemos narrar para educar. Podemos partir de uma narrativa para abordarmos temas tão vastos como a literatura, a história, a geografia, a etnografia, o ambiente, a matemática, a sociologia e a educação sexual. Com isto, pouco a pouco vamos preenchendo um vazio de imagens, justamente num momento em que vivemos uma super valorização da imagem e somos bombardeados com imensas imagens pré concebidas e que, diante das quais, nos tornamos cada vez mais passivos. Em plena Era da globalização estamos nos tornando cada vez mais iguais, e ouvir uma história pode vir a valorizar nossa individualidade esquecida.

A riqueza dos contos e lendas somada ao acervo de brinquedos e brincadeiras constituem o banco de dados de imagens culturais utilizados pela criança nas situações interativas. Vygotski (1988) indica a relevância de brinquedos e brincadeiras como indispensáveis para a criação da situação imaginária, salientando que “...o imaginário só se desenvolve quando se dispõe de experiências que se reorganizam”. Dispor de tais imagens é fundamental para instrumentalizar a criança para a construção do conhecimento e sua socialização. Abrir o espaço para que criança receba outros elementos da cultura, que não a escolarizada, é muito importante para que beneficie e enriqueça o seu repertório imaginativo. Os pressupostos de Vygotski (1988) que “a cultura forma a inteligência e a brincadeira favorece a criação de situações imaginárias e reorganiza experiências vividas”, são também o caminho que abre as portas para a entrada da cultura e condiciona o saber a um fazer. Aprendizado esse que começa com brincadeiras em que se aprende a criar significações, a comunicar-se com outros, a tomar decisões, decodificar regras, expressar a linguagem e socializar.

Ao brincar, a criança movimenta-se em busca de parceria e, na exploração de objetos, comunica-se com seus pares e se expressa através de múltiplas linguagens, descobrindo regras e tomando decisões. O brinquedo propicia à criança vivências que vão além das que são naturalmente da sua idade. Assim, as regras facilitam a internalização de significados culturais no comportamento da criança que não são facilmente percebidos e compreendidos na vida real. Todas essas possibilidades e tendências intrínsecas ao brinquedo revelam as capacidades que a criança poderá desenvolver no futuro. O brinquedo é peça fundamental no quebra-cabeça do desenvolvimento infantil, sendo muito difícil excluí-lo deste processo. Em situações de brincadeira, a criança constrói a consciência de realidade, possibilitando um maior entendimento das relações e fatos sociais reais.

Em suma, é o desenvolvimento do imaginário infantil, através da interação entre o jogo e a contação de história, que possibilitará à criança a produção de elementos indispensáveis e responsáveis para sua relação com o meio na solução de problemas reais. Os brinquedos, o reconhecimento da transformação de materiais recicláveis em “vida”, o ouvir, o ler e contar histórias remetem a criança a um reconhecimento de suas potencialidades criadoras e criativas. Fomentar e resgatar esse imaginário infantil é o diferencial para uma ação educadora que vislumbra o homem como “um ser multidimensional, sendo ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional” (Edgar Morin, 2000).

Quando partilhamos com a criança a reinvenção de um brinquedo, estamos também levando-a a descobrir o encanto nas coisas simples e recicláveis. Isso é muito mais que uma nova forma de brincar: a criação de brinquedos com sucata é uma proposta de mudança na forma de ver as coisas, é um convite para uma pequena aventura. Aventura que expõe as potencialidades da criança, afeta suas emoções, põe à prova suas aptidões e testa seus limites. O ato de criar brinquedos com materiais recicláveis de diferentes naturezas permite à criança descobrir as diferentes propriedades e características do lixo. E aqui o erro é parte importante do processo de descoberta.

A arte de contar histórias e construir brinquedos usando sucata poderá vir a ser a atividade lúdica que mais resultados poderá fornecer a formação de indivíduos únicos e autênticos, seres preparados para as incertezas de um futuro que logo se aproxima. Se desejamos formar seres criativos, críticos e aptos para tomar decisões, um dos requisitos é o enriquecimento do cotidiano infantil com a inserção de contos, lendas, brinquedos e brincadeiras.

“...desde as ações mais elementares em nível sensório-motor (tais como empurrar ou puxar) até as operações intelectuais mais sofisticadas, que são ações interiorizadas, executadas mentalmente (por exemplo: reunir, ordenar, pôr em correspondências um a um) , o conhecimento está constantemente ligado a ações ou operações, isto é, a transformações. O conhecimento, na sua origem, não nasce nem dos objetos nem do sujeito, mas da interação em princípios inextricáveis entre o sujeito e esses objetos”. (J.Piaget, 1956)

#### A investigação qualitativa

O esgotamento do modelo de análise macro social expõe a necessidade de compreensão da alquimia social, tendo em vista que o fator classe social já não explica tudo. O entendimento das trajetórias de histórias particulares das famílias tendo por referência outros itens além da posição social, busca fornecer subsídios para os encaminhamentos dos trabalhos desenvolvidos nesta atividade extensionista.

Além de estabelecer um elo entre as práticas de extensão e as discussões desencadeadas em sala de aula – a partir de estudos do texto “Trajetórias escolares, estratégias culturais e classes sociais”, de Maria Alice Nogueira, em Sociologia da Educação II –, proporcionando uma relação direta com a realidade social, essa ação se caracteriza por querer fazer análises concretas de situações concretas. Traçar um perfil familiar (público alvo do Programa Sócio-educativo da Fundação Fé e Alegria) da comunidade Chico Mendes equivale a descer ao plano das frações de classe e ao plano das histórias de vida das famílias para realizar um diagnóstico da hereditariedade cultural e social sobre os destinos escolares da classe popular.

A investigação foi realizada na Comunidade Chico Mendes, e contou com a participação de 34 famílias, perfazendo uma amostra de apenas 3,9% da população local. Assim, a preocupação é acadêmica e não visa estabelecer padrões definitivos da hereditariedade cultural das comunidades em pesquisa. O recurso utilizado para o desenvolvimento da investigação qualitativa de diagnóstico foi um questionário elaborado com perguntas semi-estruturadas e divididas nas seguintes áreas: Identificação Familiar, Moradia, Saúde, Meio Ambiente, Estrutura e Organização Comunitária e Lazer.

Após visitas residenciais para a efetiva coleta de dados, realizada pela Fundação Fé e Alegria do Brasil – Regional Santa Catarina, as informações foram tabuladas e se apresentaram dados significativos para a definição da temática de trabalho desta ação extensionista:

O pai é o chefe da família, tem entre 31 e 40 anos, trabalha fora como pedreiro e com carteira assinada. A mãe cuida dos filhos em casa e eventualmente trabalha como auxiliar de serviços gerais;

A família é composta por mais de cinco pessoas; dois são filhos do casal. Têm uma renda familiar em torno de R\$200,00 a R\$350,00 (renda per capita R\$55,00 – salário mínimo base R\$200,00, em 2002);

Famílias oriundas do Planalto Serrano e vieram à procura de empregos. Moram em casa própria há pelo menos quatro anos nesta comunidade e todas as casas têm água encanada e luz elétrica legalizada.

As famílias jogam lixo em “qualquer lugar” e não sabem o que é reciclar lixo.

Todas as crianças e adolescentes estão frequentando a escola. Os pais ou responsáveis abandonaram a escola por necessitarem trabalhar para ajudar a sustentar a família;

Os pais ou responsáveis ou fumam, ou usam maconha, ou bebem e acreditam que a violência e as drogas são o maior problema da comunidade;

Pedem Postos Policiais dentro da comunidade e não querem seus filhos sem ocupação no período extra-escolar,

Os pais conversam pouco com filhos e esses se divertem vendo televisão.

Outros dados:

Todas as famílias têm seus filhos matriculados na rede pública do Município ou do Estado. Os pais têm pouco tempo para cuidar e conversar com os filhos, por causa do trabalho. A prática de lazer entre as crianças e os adolescentes se resume a ver televisão e brincar no parque da comunidade. 26% dos pais ou responsáveis tem certeza de onde seus filhos ficam no período extra-escolar, enquanto 74% acreditam que ficam em casa na companhia de seus familiares ou vizinhos, o que vincula uma grande necessidade por integrar atividades extra-escolares. As pessoas não conhecem e não praticam a coleta seletiva de lixo, e os poucos (2%) que sabem o que é reciclagem de lixo a conhecem por recolherem papelão para vender.

## Metodologia

O Projeto Fundação Fé e Alegria: Programa Sócio-educativo possibilitou total liberdade ao bolsista para a apresentação de propostas de ações a serem desenvolvidas com a comunidade. É importante observar que os trabalhos da Fundação Fé e Alegria do Brasil – Regional de Santa Catarina funcionam na forma de Oficinas Pedagógicas: espaços de discussão e práticas educadoras voltadas para o desenvolvimento da criança atendida.

A elaboração das atividades, sempre focadas no ideal de homem multidimensional, esteve pautada por uma metodologia de dinâmica de grupo, trabalho em equipe e pesquisa-ação permeada pelo “movimento dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (Paulo Freire, 1996), e assim desencadeando um conhecimento enredado nos paradigmas de educação contemporânea de complexidade e abordagens críticas. Como Edgar Morin (2000, p.38) defende: “O conhecimento pertinente deve enfrentar a complexidade. Complexus significa o que foi tecido junto; (...)e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si.(...) a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade.”

O autor vai além dizendo que “a educação deve promover a ‘inteligência geral’ apta a referir-se ao complexo, ao contexto, de modo multidimensional e dentro da concepção global” (Edgar Morin, 2000).

Desta maneira, várias preocupações direcionaram os rumos deste trabalho, por exemplo: Como atuar complexamente dentro da comunidade? Que atividades podem ser desenvolvidas para possibilitar o desencadeamento de um pensamento complexo na criança? Como promover o seu reconhecimento como cidadão inteiro e integrante responsável por um todo?

Para elucidar tantas questões, o autor Charles Hadji (2001) apresenta que uma atividade complexa deve ser forjada a partir de quatro características:

pluralidade das “habilidades” requeridas - a tarefa complexa requer, para ser realizada, inúmeros conhecimentos e habilidades.

autonomia da resposta deixada ao indivíduo - a tarefa complexa deixa uma margem de manobra importante ao aprendiz (e ao avaliado), que escolhe ele próprio os conhecimentos e habilidades a mobilizar. O indivíduo tem a liberdade de buscar em seu repertório de modelos de comportamentos aquele ou aqueles que julgar mais adequados para estruturar sua resposta.

multidimensionalidade - a tarefa escapa a uma tarefa simplificadora e redutora. Ela não pode ser apreendida sob uma única dimensão. Seu produto, por outro lado, pode ser duradouro (texto, desenho) ou efêmero (recitação, canto). E pode não haver produto que corresponda diretamente à tarefa (por exemplo: executa e respeitar princípios).

variabilidade - trata-se de uma tarefa cuja execução se traduz por produtos que apresentam um certo grau de variabilidade. Dois produtos poderão ser julgados muito aceitáveis, ainda que sejam muito diferentes (por exemplo: duas dissertações sobre um mesmo assunto).

E segundo Phillippe Meirieu & Perrenoud (2002), há o acréscimo do desafio na atividade complexa que se faz através da situação-problema, por ele definido como: “Deve ser acessível e ao mesmo tempo difícil, que o aluno possa dominar aos poucos, sem explorá-la de uma só vez, nem dispor da solução antecipadamente. O aluno deve ter sentimento de que pode conseguir, pode prever uma hipótese e resta-lhe a fazer – que é exatamente o que vai dar início a sua ação – aquilo que precisa aprender para vencer tal obstáculo. É uma situação didática, na qual se propõe ao sujeito uma tarefa que ele não pode realizar sem efetuar uma aprendizagem precisa. E essa aprendizagem, que constitui o verdadeiro objetivo da situação-problema, se dá ao vencer o obstáculo na realização da tarefa.”

Isto posto, as atividades dessa oficina desencadearam-se da seguinte maneira:

Momento 1 - Ambientação para a contação da história.

Momento 2 - Contação da História.

Momento 3 - Apresentação de uma situação-problema .

Momento 4 - Construção de um brinquedo.

Momento 5 - Em grupos, escolha e separação dos materiais utilizados para a construção do brinquedo e planejamento dos procedimentos para a realização da atividade.

Momento 6 – Em grupos e individualmente, discussão e análises que promovam o processo de ensino-aprendizagem dos conhecimentos necessários para o desenvolvimento da atividade.

Momento 7 – Em grupos e individualmente, construção do brinquedo (aprendizagem de técnicas específicas de acordo com o material escolhido).

Momento 8 – Socialização dos brinquedos/Roda dos Sentimentos.

Momento 9 – Organização do espaço.

Para a prática dos Jogos Coletivos, a atividade complexa e a situação-problema eram caracterizadas por uma proposta voltada e preocupada com o movimento do corpo (habilidades motoras, lateralidade, equilíbrio), atividades sensoriais (tato, audição, visão), o pensamento e a expressão vocal.

Resultados e discussão

A análise da Pesquisa de Diagnóstico para levantamento do perfil das famílias das crianças atendidas pelo Programa Sócio-educativo facilitou a compreensão da relação criança X família X escola X comunidade, e instrumentalizou as ações (presentes e futuras) com direcionamentos contextualizados às necessidades reais da comunidade.

Ficou evidente uma mudança no comportamento das crianças: as relações violentas foram substituídas pelo diálogo na solução de problemas pessoais e de grupo; a atitude de expor suas idéias - e que causavam vergonha - agora é vista e respeitada como “meu olhar no mundo”, agora as crianças se entendem como diferentes umas das outras e enxergam o valor dessas diferenças.

O mundo do imaginário é (re)descoberto com prazer, fazendo do livro um elemento mágico e do ato de ler uma brincadeira. O texto é compreendido como uma possibilidade de representação da realidade social, promovendo um novo olhar sobre o lugar onde moram e como vivem, fazendo-as mais críticas e exigentes. As histórias ganharam uma dimensão amplificada e as crianças puderam reconhecer nas palavras os valores morais e éticos que permeiam nossas relações sociais.

A manipulação de materiais conhecidos, até então, como lixo, desencadearam o desenvolvimento de habilidades motoras e a reconstrução das noções de responsabilidades com o meio ambiente. Nas mãos das crianças o lixo vira um brinquedo que diverte e faz pensar.

Proporcionando atividades nas quais a criança se defronta com experiências contraditórias a sua visão de “todo”, fica evidente que o papel do brinquedo e do texto literário é adequado a estimular o desenvolvimento do pensamento. Em grupo ou individualmente, as crianças enriqueceram suas relação do eu X mundo, pois o estímulo à transformação do lixo e do gostar de ler proporcionou o auto-reconhecimento de seres curiosos, criativos e criadores, que se entendem parte integrante e importante do mundo e no mundo.

## Conclusões

A análise dos dados da investigação qualitativa de diagnóstico nos permitiu um entendimento maior sobre compreensão biográfica das classes sociais e da necessidade das ações (profissionais, governamentais, pessoais) que pensam a transformação social e a melhoria da qualidade de vida das classes populares. Essa compreensão da alquimia social pode gerar a quebra dos paradigmas de opressão, construídos, legitimados e que atuam em todos nós e por todos nós.

Os relatos identificados na pesquisa sugerem que a hereditariedade cultural é um fator determinante na biografia escolar e nas perspectivas de futuro dentro de uma família nas classes populares. Em comparação ao texto de Maria Alice Nogueira, pode-se confirmar a contradição da classe popular na sua relação com a escola. No primeiro momento, a escola é defendida como formadora da moral do sujeito. Sua função é de instruir e de socializar a criança e o adolescente, pois o adulto já não tem chances de aprender (Estou muito velho! – dizem os entrevistados). Os pais sabem que o diploma não é garantia de sucesso ou de melhoria de qualidade de vida dos filhos, mas não abrem mão do direito à instrução, e até exigem uma educação pré-escolar (mas com intenção de ter onde deixar as crianças enquanto trabalham). Em outro momento, rejeitam e se distanciam da escola que é discriminadora e reprodutora da desvalorização desses pais. Pois, como foi verificado, executam atividades manuais cuja formação não aconteceu na educação formal.

É importante salientar que as classes populares realmente não configuram um bloco monolítico e homogêneo. Ao mesmo tempo em que se constata um reduzido envolvimento com a vida escolar dos filhos, observam-se pais preocupados que não querem transferir toda a responsabilidade da educação à escola e aos professores.

A prática extensionista oferece a possibilidade da reflexão sobre o objetivo da formação profissional. O enfrentamento de uma realidade educacional mostra que a discussão acadêmica (teórica) está aquém das problemáticas sociais reais e como a academia está deficiente na fundamentação da educação popular. Mostra-se necessária a integração das discussões de educação popular nas grades de ensino dos cursos de licenciatura, pois pode-se constatar na educação popular os alicerces para fomentar e acionar uma transformação social adequada às necessidades do sujeito e preocupada com a melhoria da qualidade de vida do grupo social integrado. No elo da práxis vê-se contida a singularidade de desmascarar o papel da responsabilidade social inerente à educação.

Permitir-se imergir no seio de uma comunidade carente de todas as necessidades básicas à manutenção sadia da vida, faz ampliar imensamente a consciência das reais divisões de classe social e questionar-se sobre as relações destas. Até onde não somos responsáveis por tamanha desigualdade social? O que pode ser feito para possibilitar as mesmas oportunidades de futuro àqueles que estão à margem do social? Quem e como se estabelecem as fronteiras sociais? É necessário conduzir o profissional da educação (sempre em formação) ao diálogo criativo com as dúvidas e interrogações do nosso tempo. Essa é a condição imperativa para contextualizar a importância da prática educadora na totalidade dos desafios e incertezas da atualidade, voltada para uma formação do sujeito cidadão.

Nós, educadores em contínua formação, devemos estar realmente preparados para a complexidade e a diversidade social, econômica e política. É no esclarecimento dessas particularidades que descobrimos as urgências, incertezas e competências nas quais são forjadas ações pedagógicas e se estão verdadeiramente voltadas para a emancipação do ser humano.

Na Fundação Fé e Alegria do Brasil – Regional Santa Catarina, os espaços de formação nesta ação extensionista, Reuniões de Planejamento por exemplo, deveriam ser melhor operacionalizados para adequar metas e ações às verdadeiras possibilidades e aptidões dos integrantes da instituição parceira junto às comunidades alvo.

Na UDESC, é de extrema valia e indigência, podendo-se pensar até em ser primordial a essa ação, a participação do bolsista de extensão nas reuniões de formação junto ao Núcleo da Criança e do Adolescente – UDESC. Assim, a universidade se faz mais presente e atuante na discussão das dificuldades do acadêmico, no descobrimento de novas possibilidades e diferentes olhares para as atividades, no encaminhamento de leituras adequadas às práticas pedagógicas em evidência e no planejamento e avaliação contínua e conjunta dessas ações. Enfim, se mostra realmente ocupada com a formação do acadêmico e com o desenvolvimento de uma extensão participativa e cidadã.

Finalmente, a verdadeira formação profissional acadêmica deve estar continuamente alicerçada no ensino, na pesquisa e na extensão. Pois não podemos ignorar a necessidade social de um profissional que ao mesmo tempo, relaciona-se com o outro e consigo, como um sujeito multidimensional que ao mesmo tempo é biológico, psíquico, social, afetivo e racional. Só assim é possível pensar ações adequadas às necessidades fundamentais da educação contemporânea.

#### Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem Azevedo. Estórias de quem gosta de ensinar. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1993.  
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia : saberes necessários à prática educativa. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165 p.  
HADJI, Charles. Avaliação desmistificada. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.  
MORIN, Edgar. Os sete saberes necessário à educação do futuro. 2. ed. São Paulo: Cortez : Brasília, 2000.

NOGUEIRA, Maria Alice. Família Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis: Vozes, 2000.183 p.

PERRENOUD, Philippe Meirieu. Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

PIAGET, Jean. A linguagem e o pensamento da criança. Rio de Janeiro: Funda da Cultura, 1956.

VYGOTISK, Lev. A formação social da mente. \_\_\_\_\_: Martins Fontes, 1991.